

Transformações do eu na velhice e suas articulações com o trauma¹



Vanessa Biscardi Matos

Fábio Roberto Rodrigues Belo

*Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida a minha face?
(Cecília Meireles, 2001)*

Introdução

A despeito de uma certa obviedade para a consciência individual quanto ao que é ser idoso ou ser jovem, de sabermos em termos da nossa economia psíquica cotidiana o que quer dizer juventude e velhice, tais conceitos são construídos historicamente. Desse modo, eles se modificam e se inserem na dinâmica dos valores e das culturas. Na história ocidental, na passagem do século XVIII para o XIX, o respaldo cientificista sobre o evolucionismo deu subsídios para a fundamentação de um ciclo biológico da existência humana em várias faixas etárias bem delineadas (BIRMAN, 1995).

Nessa circunstância histórica e teórica, o conceito de velhice se constituiu “como

¹Trabalho baseado em dissertação acadêmica intitulada “Transformações do eu na velhice: estudo psicanalítico sobre algumas consequências psíquicas e para a prática clínica”, apresentada na Universidade Federal de Minas Gerais, realizada com apoio financeiro da Capes.

sendo um momento de decadência da existência humana, caracterizado por especificidades no seu funcionamento biológico” (BIRMAN, 1995, p. 31). Assim, historicamente, trata-se de uma concepção bastante recente - pouco mais de dois séculos, sobre a qual por longo tempo “foram investidos valores *negativos*, considerando-se apenas como critério social o seu potencial funcional de produção e reprodução de riqueza” (BIRMAN, 1995, p. 34, grifo do autor).

O autor salienta, ainda, que no campo da epistemologia, a produção conceitual é regulada por valores e por representações sociais que definem as condições históricas de possibilidade de seus enunciados. Na atualidade, a velhice é tomada como objeto de cuidado e atenção especiais, o que era inexistente no Ocidente nos séculos anteriores, não obstante as poucas exceções. Isso ocorreu em função do aumento da população idosa, associado a uma transformação no campo da família, visto as pessoas terem menos filhos e nem sempre casarem-se, evidenciando uma mudança nos valores vinculada às novas condições do que Birman nomeia como “ética do individualismo” (p. 37). Assim, passa a ser possível à velhice ter um reconhecimento simbólico referente ao seu lugar social e cultural desvinculados de uma posição negativa de existência. A título de exemplo, há um crescente número de pesquisas nacionais e internacionais que rejeitam o estigma de que a pessoa idosa é infeliz, só, abandonado e doente (NERI, 2004). Produções artísticas como filmes, séries e livros, têm abordado a velhice apresentando também seus valores positivos. Dessa maneira, representações sociais vinculadas a aspectos positivos e negativos convivem, tornando possíveis ressignificações inclusive no campo da ciência, da psicanálise, da literatura, etc., à medida que vai modificando historicamente a construção desse conceito.

Essa contextualização possibilita compreender quão recente é o interesse da psicanálise pela velhice e como esse campo ainda carece de pesquisas e fundamentações teóricas. Como afirma Cirino (2014), trata-se de “um tema que ficou marcado, quase inteiramente, pelo silêncio dos psicanalistas”, podendo uma parcela de responsabilidade por isso ser creditada ao próprio Freud², e outra ao fato posterior de que, “ao longo de décadas, a elaboração teórica e clínica dos analistas foi também, marcadamente, escassa. Em poucas palavras, psicanálise não era coisa para velho” (p. 11).

Quanto ao âmbito da clínica psicanalítica com idosos, da exposição de casos e de teorizações referentes à direção do tratamento, Mucida (2014) já apontara que o silêncio é ainda maior. Ela atribui tal constatação a uma herança advinda de Freud e de Ferenczi³, os quais apontam limitações ao tratamento analítico de velhos. A autora supõe também que “a velhice escancara um real que ninguém quer saber, já que a ele ninguém escapa” (p. 56). Afinal, embora Freud tenha feito apontamentos contraindicando o tratamento analítico de crianças, adolescentes, psicóticos, incultos e idosos, houve desenvolvimento quanto à clínica nesses casos, sendo a velhice uma exceção (MUCIDA, 2014).

² Nos seguintes textos Freud contraindica a psicanálise para idosos: “A sexualidade na etiologia das neuroses” (Freud, 1898/1996), “O método psicanalítico” (Freud, 1904a/2017) e “Sobre psicoterapia” (Freud, 1904b/2017). Tais referências foram apresentadas e melhor exploradas em “Transformações do eu na velhice: um estudo psicanalítico” (Matos & Belo, 2021).

³ Ver “Para compreender as psiconeuroses do envelhecimento” (Ferenczi, 1921).

Considerando ser uma demanda emergente dado o crescimento populacional, bem como compromisso ético imposto ao campo psicanalítico, este trabalho objetiva debruçar sobre a psicanálise de velhos a partir da teoria laplancheana. Atentos à multiplicidade tanto das possibilidades de ocorrência do processo de envelhecimento, quanto dos efeitos dele na clínica com idosos, marcamos o nosso recorte neste estudo, qual seja, a dor psíquica manifestada em decorrência da experiência da velhice, estando esta vinculada ao trauma. Para tanto, fazemos um breve retorno à teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche, articulando os seus elementos referentes a uma atualização da situação originária com o momento da velhice, bem como com nossa proposição quanto a transformações do eu⁴ neste contexto do envelhecer e algumas implicações na condução clínica.

Atualização da situação originária, transformações do eu e trauma: a experiência da velhice marcada por dor psíquica

Na perspectiva individual, as concepções quanto ao que é ser jovem ou ser idoso vão se transformando de forma radical ao longo do percurso existencial. Elas são fundadas nas fantasias dos indivíduos em diferentes momentos de sua história pessoal (BIRMAN, 1995). Desse modo, “a forma como cada um capta sua ‘entrada’ na velhice é sempre singular e marcada por um ponto não assimilável” (MUCIDA, 2014, p. 36), cabendo aqui ressaltar, ainda, com Mucida (2014) que “o sujeito não é jamais indiferente aos discursos relativos à velhice”, de forma que “os significantes que circulam em cada época afetam inclusive as respostas sintomáticas, mas, quando analisadas, elas têm sempre um núcleo singular” (p. 111).

Neste trabalho partimos da proposição de que a velhice, em dado momento, impõe uma atualização da situação originária e transformações do eu, o que é vivido por alguns sujeitos de forma traumática. Por situação originária, definimos com Laplanche (1987/1992) o momento de constituição do aparelho psíquico do ser humano a partir da relação inter-humana, adulto-infante. Nessa relação, por um lado, há um adulto que possui um inconsciente sexual, que manifesta lapsos e operações falhas, ou seja, operações que veiculam sempre algo do recalcado à medida que realiza cuidados ao infante em situação de desamparo. No desempenho dos cuidados corporais dispensados à criança, o adulto endereça a ela “significantes verbais e não-verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes, ou seja, de mensagens enigmáticas” (LAPLANCHE, 1987/1992, p. 134). Desse modo, “a sexualidade - tomando-se sempre esse termo na sua acepção ‘generalizada’ - aparece como que *implantada* na criança a partir do universo parental, de suas estruturas, de suas significações, de suas fantasias” (LAPLANCHE, 1985, p. 54, grifo do autor).

O infante, por outro lado, encontra-se em um estado de prematuração biológica, cuja insuficiência “solicita intrusão do universo adulto” (LAPLANCHE, 1985, p. 54). Ao pequeno ser humano, desprovido de psiquismo, mas aberto à comunicação, “não há outra possibilidade além da formação de um resto, de algo não simbolizado” visto

⁴ Utilizamos ao longo deste trabalho a denominação eu para nos referirmos à instância componente do aparelho psíquico. Em alguns trechos, nos quais recorremos a citações diretas, foi mantida a referência a esta instância como ego ou Eu, conforme a escrita do autor citado.

“sua incapacidade de tradução das mensagens enigmáticas a ele enviadas” (LAPLANCHE, 1987/1992, p. 134). Assim, o sexual vai do adulto para o bebê, originariamente passivo. E a criança, nessa sedução infantil, encontra-se sempre em um estado de imaturidade, de incapacidade em relação ao que lhe acontece, de modo que essa defasagem está no terreno do trauma.

A interação adulto-infante é traumatizante para a criança na medida em que as mensagens transmitidas pelo adulto veiculam um sentido dele mesmo ignorado, ou seja, em que se manifesta a presença do seu inconsciente. Como explica Laplanche (1987/1992) a partir da teoria freudiana do trauma em dois tempos, ocorre em um primeiro momento “um ataque externo proveniente do adulto, da primeira cena sexual”, para o qual o infante não encontra-se preparado para se defender com os meios adequados e “pode, no máximo, bloquear o inimigo no lugar, enquistar a lembrança, mas não recalá-la” (p. 120). Em um segundo momento, ele consegue compreender a cena, “mas encontra-se voltado para uma verdadeira guerra estratégica, agredido na face desarmada, ou seja, de dentro, atacado por uma lembrança e não por um acontecimento” (p. 120).

Entre estes ataques externos e internos, constitui-se o eu e o inconsciente, a partir do processo de recalçamento. Nesse processo, a partir de um traumatismo constitucional originado da interação entre o adulto cuidador e a criança em situação de desamparo, “encontramo-nos com a sexualidade por toda a parte: ao nível tanto do ego, quanto do id” (LAPLANCHE, 1998a, p. 250). Portanto, eu e isso têm origem na alteridade e são mantidos pela pulsão sexual (RIBEIRO, 2018).⁵

No decorrer da vida, alguns acontecimentos podem ocasionar a irrupção de traumas no sentido do que Laplanche, embasado nas teorizações de Freud, propôs em sua teoria da sedução generalizada. A velhice é tomada em alguns casos como um deles uma vez que, nesse momento, alguns sujeitos tendem a vivenciar perdas com maior frequência e recorrência, bem como são impelidos a lidar de forma diferente das outras fases da vida com o tempo, a morte e a representação social do que é ser velho, as inexoráveis mudanças físicas, as limitações funcionais e outras modificações no funcionamento psicológico e social (MARTINS, 2011; APA, 2014) e, com isso, encontram-se em situação de desamparo. Como salienta Mucida (2014), “as perdas e modificações encontradas na adolescência agravam-se na velhice dada a diminuição de laços simbólicos para tratá-las e com limites jamais experimentados da mesma forma pelo sujeito” (p. 38).

Todas essas contingências vivenciadas ao envelhecer, direta ou indiretamente vinculadas ao corpo, têm para alguns sujeitos efeito de uma força ou potência traumática por haver um excesso de conteúdos enigmáticos endereçados a ele, os quais ele não consegue simbolizar, e que ocasionam uma atualização da situação originária. Dizemos de uma atualização na medida que, como aponta Ribeiro e

⁵ A partir desta perspectiva epistemológica, destacamos com Laplanche (1985, p. 85) que “na psicanálise há lugar para uma teoria do ego que não seria, entretanto, em nada semelhante à psicologia acadêmica e clássica que se quis introduzir no pensamento psicanalítico”. Pois, como é apontado desde Freud (1926/1925), tanto o ego quanto o id são partes de uma mesma organização, “não entidades isoladas como o lobo e a criança, de modo que qualquer comportamento por parte do ego resultará também numa alteração do processo instintual.” (p. 144)

Carvalho (2001), a sedução originária inaugura um incessante trabalho de subjetivação contínuo, o qual “se faz a partir de situações criadas por contingências do corpo, da pré-maturação (mais uma fase!) do bebê humano, da diferença anatômica e da diferença de gerações, entre outras”, e do qual cada indivíduo participa a sua maneira (p. 63). No caso da velhice, as modificações corporais associadas às demais vicissitudes do envelhecer atualizam a intrusão da sexualidade pelo outro, incitando intensamente a excitação que elas continuam a provocar.

De modo sucinto e partindo de um apanhado geral, sem a pretensão de universalização, apontamos como contingências do envelhecer relacionadas à atualização da situação originária e à potência traumática o que Mucida (2014) indica como “modificações e perdas relativas ao corpo, à imagem e aos laços sociais” (p. 38). Nesse contexto destacamos que, se as representações do eu apoiam-se sobre as mudanças do corpo, tais contingências da velhice acometem o sujeito vinculadas a uma atualização do enigma, levando o aparelho psíquico a trabalhar para simbolizar essas mudanças. Relacionamos a essa proposição a observação de que, na velhice, muito frequentemente ocorrem perdas que levam ao trabalho psíquico, com a finalidade de reconstituição do tecido narcísico que vai se esgarçando a cada objeto de amor perdido, sendo o próprio corpo fonte de perdas quanto à sua aparência jovial, à sua funcionalidade, à sua potência.

Tendo em vista a centralidade do corpo no que diz respeito ao envelhecimento, bem como à constituição psíquica e ao narcisismo, apresentamos alguns desenvolvimentos de Laplanche quanto à vinculação entre o corpo e a instância egóica, no intuito de que isto nos sirva também de argumento quanto à nossa proposição de transformações do eu na velhice. Situando a origem e a evolução da instância egóica a partir da teoria da identificação, Laplanche (1985) indica a existência de uma identificação muito precoce e sumária em um primeiro momento, uma “identificação com uma forma concebida como limite, como um invólucro: o invólucro da pele” (p. 85). Ocorre, da parte da criança, “um reconhecimento da forma do outro humano e a precipitação correlativa no indivíduo de um primeiro esboço dessa forma” (p. 85). Nesse processo, o eu “se forma, por um lado, a partir das percepções e antes de tudo da percepção do semelhante, e por outro lado, assume, *libidinalmente*, a percepção” (LAPLANCHE, 1985, p. 87, grifo do autor). Desse modo, como exemplifica Laplanche (1985), “eu percebo, do mesmo modo que eu como, ‘pelo amor de mim...’” (p. 87).

Privilegiando a concepção do eu como projeção da superfície corporal, Laplanche (1985) indica a constituição da instância egóica “fora das funções vitais, como objeto libidinal” (p. 86). Tal concepção, juntamente com a experiência psicanalítica, conduz ao modelo de oposição entre libido de objeto e libido narcisista ou libido do eu, “e não entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego ou de autoconservação, como pensou Freud em certos momentos” (p. 86). Essa oposição aproxima-se do que distingue-se no plano econômico e dinâmico enquanto processo primário e processo secundário: “o processo primário representando a sexualidade na sua forma não ligada, enquanto que, o processo secundário, ao contrário, referindo-se à ‘estase’ da libido no ego, e à estabilidade relativa da forma do ego” (p. 87). Assim, “dos dois

lados do conflito, é pois, a sexualidade que estaria presente, sexualidade livre de um lado, sexualidade 'ligada' do outro, isto é, do lado do ego" (p. 87).

Quanto à estabilidade *relativa* da forma do eu, como indica Laplanche (1985), os efeitos ou resultados das identificações permitem "distinguir, de um lado, aquelas que são estruturantes, definitivas, acarretando uma mudança fundamental no ser psíquico, e, de outro lado, as identificações transitórias", tais como a identificação histérica e o que Freud descreveu como "identificação no interior das massas, quando um conjunto de indivíduos coloca a fascinante personagem do 'líder' no lugar dessa instância de personalidade que é o ideal do ego" (p. 85). Laplanche (1985) indica ser possível distinguir as identificações primárias, fundadoras da instância egóica, e aquelas que, "pouco a pouco, mediante uma verdadeira sedimentação, têm como consequência modelar e enriquecer essa instância" (p. 85).

Consideramos nem sempre haver enriquecimento ou mesmo manutenção dos contornos egóicos na velhice. As perdas de objetos de amor e narcísicas, visto o luto de si mesmo dadas as várias e simultâneas mudanças vividas ao envelhecer, relacionam-se a ataques internos ao eu, à sua consistência identificatória. Ressaltamos, uma vez mais, não queremos universalizar o que ocorre à medida que o sujeito se identifica como velho com o recorte proposto, visto ele ser apenas uma das possibilidades. Optamos por elucidá-la tanto pela recorrência com que ela apresenta-se na clínica, quanto por ela estar vinculada à dor psíquica. Afinal, interessa ao psicanalista o alívio do sofrimento emocional daqueles que o procuram, sendo a razão de ser do seu ofício "ajudar seus pacientes a se livrarem de sofrimentos excessivos, desgastantes ou incapacitantes, para que possam substituir o desprazer que os dominava, por formas mais criativas e emancipadas de enfrentar a realidade" (CARVALHO, 2006b, p. 15).

Com o percurso realizado até aqui, intencionamos apresentar de que modo tomamos a velhice nos casos em que ela é vivenciada pelo sujeito de forma traumática, fazendo trabalhar a teoria laplancheana. Pois, conforme indica Carvalho (2006a), se por um lado algo na técnica psicanalítica pertence à dimensão da individualidade, do estilo, do analista, por outro, uma teoria da técnica psicanalítica não pode ser dissociada do edifício teórico que constitui a metapsicologia, a qual, por sua vez, "é permanentemente construída e renovada pela matriz clínica da qual se alimenta nossa experiência como analistas" (p. 10). A fim de ilustrar e articular os pontos teóricos discutidos com a prática clínica, vejamos o fragmento de um caso.

Ana e seu constante estranhamento a respeito de si: "Eu não era assim"

Ana⁶, aos 82 anos de idade, era atendida em casa devido à dificuldade indicada por ela de deslocamento sozinha ao consultório. Dificuldade referente à sua condição física (caminhar mais lentamente e sentir-se cansada ao fazer esforços como o de utilizar transporte público para ir a lugares mais distantes), bem como ao seu incômodo em precisar da ajuda de familiares e à insegurança apontada diversas outras vezes, posteriormente, relacionada à cabeça estar ruim. Ana relatava repentinos medos, fortes tremores, ansiedade e preocupação com a sua "cabeça

⁶ O nome da paciente é fictício a fim de manter em sigilo a sua identificação.

ruim” (sic). Situações atuais em que “levava sustos” (sic) eram relatadas a cada atendimento: visão de um vulto na janela, uma inundação da sua casa devido a uma prolongada chuva, invasão e roubo em uma propriedade no interior, acidente de um familiar e adoecimento de outros, etc. Gradualmente ocorria também, a cada sessão, retornos a sustos mais antigos em termos de localização cronológica: a morte precoce e inesperada do marido, um acidente de trânsito, brigas familiares presenciadas por ela, a perda de amigos e vizinhos falecidos.

Ana apresentava em seu relato uma divisão de como reagia antes e como lidava no momento com tais situações, marcando um recorrente estranhamento de si mesma com frases como “Eu não era assim”; “Meus filhos aguentam, estão novos, eu não”; “Agora eu tenho medo de não aguentar”. Medo de não aguentar associado às dificuldades inéditas de cuidar da própria casa e, em certa medida, de si mesma. As dificuldades, por sua vez, sentidas como perdas relacionadas a um declínio do corpo que já não obedece a sua vontade quanto ao ritmo e à quantidade de atividades a realizar, bem como à desatenção e à memória que às vezes falha. Podemos observar como o mundo exterior, considerando também o corpo quanto a este ponto, escancara uma realidade encoberta de forma que excitações internas tornam-se incontidas, fragilizando o terreno do eu.

A partir da fala de Ana, observamos como a velhice vinha acompanhada de um custoso trabalho de rearranjo identificatório, uma vez que diversos objetos de amor, logo, de traços identificatórios, são perdidos. E conforme explica Carvalho (2012), a perda do objeto desencadeia um excesso pulsional porque é, simultaneamente, uma perda do eu, de modo que “cada objeto investido libidinalmente é um objeto identificatório no sentido em que ele faz parte da trama de representações que constituem o tecido egoico” (p. 493). Em suas palavras,

O investimento de um objeto de amor significa sempre um contrainvestimento, pois por trás do objeto de amor se perfila, invariavelmente, o objeto da pulsão parcial perversa e polimorfa que deve permanecer recalcado. A perda do objeto de amor implica, pois, na esgarçadura da trama egoica e na inevitável invasão do Eu pelas pulsões parciais. E isso vale para qualquer sujeito. O que irá constituir a diferença entre uns e outros no sentido de um retorno ao Eu mais radical, a ponto de podermos falar de uma regressão ao narcisismo, será a possibilidade ou não de reinvestir as fronteiras egoicas e bloquear a invasão pulsional, com menor prejuízo da homeostase psíquica e, portanto, da possibilidade de re-enviar a libido de volta aos objetos. (CARVALHO, 2012, p. 493)

O corpo apresenta-se como um objeto privilegiado de investimento libidinal ao tratarmos de transformações do eu na velhice, visto ser o que dá o contorno inicial e favorece o estabelecimento dos limites do aparelho psíquico, bem como um dos objetos da pulsão parcial perversa e polimorfa que fundamenta a sustentação, a manutenção, do psiquismo. A perda da potência, da funcionalidade corporal, dificulta bastante o que Carvalho (2012) indica quanto a um reenvio de libido aos objetos, tanto no que diz respeito à manutenção de um circuito pulsional estabelecido, quanto a novos investimentos nos casos em que o sujeito precisa lidar com perdas também em seu círculo de amigos e familiares, no trabalho, na dinâmica de realização de diversas atividades, nos recursos financeiros em virtude da aposentadoria em um

contexto político e econômico descuidado de sua população idosa. Tamaña fragilidade corpórea e narcísica parece ocasionar um investimento maciço e pouco satisfatório em si mesmo.

Carvalho (2012) indica parecer comum às diversas situações traumáticas a ruptura do tecido de representações que até então sustentavam o eu, bem como ser dificultada a tentativa desesperada de demarcar novamente o território do eu de dois lados: (1) “do lado do mundo exterior que o confrontou com uma realidade até então encoberta pelas ilusões constitutivas e necessárias”, tal como a ilusão “da possibilidade de escapar dos perigos mortais”; (2) “do lado do mundo interno, as excitações ameaçadoras, porém até então contidas, aproveitam-se dessa vulnerabilidade para invadir o território do Eu” (p. 493).

Com a falta de apoio das ilusões que recobrem o mundo exterior, as excitações pulsionais que fundamentam a constituição da subjetividade sobrepõem-se ao traumatismo, exigindo um trabalho de contenção. Nesse sentido, “toda situação traumática é necessariamente habitada pela pulsão sexual” (CARVALHO, 2012, p. 493). Todavia, como indica Carvalho (2012), “o trauma parece tirar de cena a sexualidade, ficando em primeiro plano a retirada do investimento dos objetos e a volta sobre o Eu”, sendo o trabalho de reinvestimento “mais ou menos oneroso de acordo com cada situação singular” (p. 493). Quanto a esse ponto, ela indica caber considerar a intensidade da situação traumática, no sentido de seu poder de devastação das balizas do eu, visto este ser um fator relevante ao levarmos em conta a dificuldade de elaboração psíquica.

Em se tratando da elaboração psíquica, o trauma parece tirar de cena a sexualidade, mas também o princípio de prazer, tornando-se central a compulsão à repetição à medida que o sujeito conta e reconta o acontecimento traumático, uma vez que o trauma vivido escapa a uma rede de sentidos e sua repetição advém como tentativa de “captura da excitação excedente, como propôs Freud (1920/2006)” (CARVALHO, 2012, p. 495).

Nestes casos, as intervenções do analista favorecendo um resgate da história do sujeito, uma construção de sentidos, é uma via facilitadora para o processo de ligação, de simbolização dos conteúdos traumáticos. É fundamental que o psicanalista preserve a sua escuta e o seu trabalho interventivo com o intuito de uma abertura de sentidos. A psicanálise é uma anti-hermenêutica à medida que o objetivo da análise é apontar para a alteridade interna, irrepresentável, descentralizadora, visto buscar produzir uma interpretação dissociativa a fim de que o tecido narcísico se refaça menos comprometido com os recalcamientos anteriores.

Todavia, dentro do recorte abordado neste trabalho, podemos observar o sujeito por vezes imerso em um desligamento pulsional, cabendo ao psicanalista realizar um trabalho que favoreça ligamentos. Portanto, cabe salientar o apontamento de Laplanche (1998b) de que, durante o processo psicanalítico, ocorrem dois grandes movimentos de modo pendular: “por um lado a *situação* analítica, geradora da transferência e, por outro, um *método* com suas dimensões associativo-dissociativa por um lado e interpretativa, por outro” (p. 85, grifo do autor). Os dois movimentos ocorrem durante o processo, não estando um subordinado ao outro.

Nos atendimentos de Ana, a partir da escuta de conteúdos repetidos por diversas vezes e do seu estranhamento de si apresentado na constante afirmação “Eu não era assim”, alguns elementos novos associados eram pinçados. Pontos de semelhança ou de contradição com algo trazido outrora eram apontados e, em algumas raras ocasiões, uma ou outra interpretação era possível. Em muitos momentos cabiam junto à legitimação da dor manifestada, questionamentos quanto ao que ainda era possível, ao que permanecia de familiar, aos recursos utilizados em outras ocasiões da vida quando experimentou o sentimento de vulnerabilidade. A fim de conter esse excesso de excitação atacante, traumático, cabe ao analista favorecer um trabalho de contenção dessa excitação a partir de uma escuta atenta que favoreça ligamentos, com vistas a um processo associativo que produza mais rede narcísica.

Considerações finais

Situações de desamparo vinculadas a frequentes e recorrentes perdas de objetos de amor e perdas narcísicas vivenciadas por alguns sujeitos na velhice impõem transformações do eu experimentadas com bastante dor, uma vez que atacam violentamente a consistência identificatória da instância egóica.

Certa atualidade da psicanálise de velhos, bem como as particularidades e desafios dessa clínica, motivaram o trabalho teórico realizado. Respeitando o caráter criativo de cada tratamento e resguardando a psicanálise de uma qualificação de técnica generalista, pretendemos assegurar a sua potencialidade para contribuir com este campo.

Referências

APA - American Psychological Association. **Guidelines for psychological practice with older adults**, 2014. *American Psychologist*, 69(1), 34-65. doi: 10.1037/a0035063.

BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R. P. (Org.). **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, UNATI-UERJ, 1995. p. 29-48.

CARVALHO, A. C. Apresentação. In: CARVALHO, A. C.; FRANÇA, C. P. (org.). **Estilos do Xadrez Psicanalítico: A técnica em questão**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.

CARVALHO, A. C. A teoria invisível. In: CARVALHO, A. C.; FRANÇA, C. P. (org.). **Estilos do Xadrez Psicanalítico: A técnica em questão**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.

CARVALHO, M. T. (2012). Sofrimento psíquico, acontecimento traumático e angústia pulsional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 487-497, jul./set. 2012. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287126284014>. Acesso em jan. 2019.

CIRINO, O. Apresentação. In: MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece. Psicanálise e velhice**. 2. ed. rev. - 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014..

FERENCZI, S. Para compreender as psiconeuroses do envelhecimento. In: **Obras completas Sándor Ferenczi**. Tradução: Álvaro Cabral. vol. 3. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (Trabalho originalmente publicado em 1921).

FREUD, S. O método psicanalítico. In: Freud, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Trabalho originalmente publicado em 1904a).

FREUD, S. Sobre psicoterapia. In: Freud, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Trabalho originalmente publicado em 1904b).

FREUD, S. (1996). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho originalmente publicado em 1898).

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho originalmente publicado em 1926 [1925]).

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Originalmente publicado em 1987)

LAPLANCHE, J. **Problemáticas I: A angústia**. Tradução: A. Cabral. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. (Originalmente publicado em 1980/1987)

LAPLANCHE, J. Objetivos do processo psicanalítico. **Cadernos de Psicanálise**, v. 14, n. 17, 1998b.

MARTINS, M. S. **O trabalho do psicólogo na clínica de geriatria: Relato de experiência em saúde e desenvolvimento humano**. 2011. (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19072011-091146/pt-br.php>. Acesso em jan. 2019

MATOS, V. B.; BELO, F. R. R. Transformações do eu na velhice: consequências psíquicas e para a prática clínica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 24, n. 03, pp. 641-664, 2021. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p641.9>. Acesso em jun. 2022

MEIRELES, C. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001. (Originalmente publicado em 1939)

MUCIDA, A. **Atendimento psicanalítico do idoso**. São Paulo: Zagodoni, 2014.

NERI, M. L. Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos. **Psico-USF**, 9(1), 109-110, 2004. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712004000100015> . Acesso em jan. 2019.

RIBEIRO, P. C.; CARVALHO, M. T. M. “Tá tudo dominado!” Adolescência e violência originária. In: CARDOSO, M. R. (org.). **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Rio de Janeiro, NAU Editora, 2001.

RIBEIRO, R. M. **Problemáticas do eu: dos sofrimentos narcísicos aos destinos do eu na análise**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

Data de recebimento: 06/06/2022; Data de aceite: 27/06/2022

Vanessa Biscardi Matos - Mestre em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Especialista em Saúde do Idoso pela Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital das Clínicas da UFMG, em Teoria Psicanalítica pelo Cetep-UFMG e em Psicologia em Saúde pelo CFP/CRP-MG. Graduada em Psicologia pela UFMG. Psicóloga clínica/psicanalista e supervisora clínica em consultório particular, docente da organização sem fins lucrativos Rede Longevidade. E-mail: vanessabiscardi.psi@gmail.com

Fábio Roberto Rodrigues Belo - Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Docente do Departamento de Psicologia na mesma Universidade. E-mail: fabriobelo76@gmail.com